

FENÍCIOS PELO MEDITERRÂNEO: FORMAS DE CONTATO DIVERSIFICADAS
PHOENICIANS IN THE MEDITERRANEAN: DIVERSIFIED FORMS OF CONTACT

Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



Fenícios pelo Mediterrâneo: formas de contato diversificadas

Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos¹

Resumo: Neste artigo abordamos as mais recentes sistematizações acerca dos fenícios, povo que habitou a costa oriental da Bacia do Mediterrâneo, e acerca de seus processos de expansão territorial, notadamente nas regiões central e ocidental desta mesma bacia. Discutimos a pertinência do uso de conceitos como pré-colonização e colonização e os questionamentos que alguns arqueólogos têm feito a estes, com base nas Teorias Pós-Coloniais.

Palavras-chave: Fenícios, navegação, contato, Mediterrâneo.

Abstract: In this article we approach the most recent developments on the research regarding the Phoenicians, a people who inhabited the coastal plains of eastern Mediterranean. We also approach the developments regarding their territorial expansion, especially towards the very opposite region in relation to their homeland: the western shores of the Mediterranean. We also discuss the pertinence of the use of such concepts as pre-colonization and colonization and present the position of some archaeologists drawn out of the Post-Colonial Theories.

Keywords: Phoenicians, navigation, contact, Mediterranean.

Os fenícios, esse “povo” ainda tão misterioso para nós, apesar dos inúmeros avanços realizados pela pesquisa acadêmica, teriam desde o início da Idade do Ferro no Mediterrâneo oriental (século XI a.C.) iniciado um sofisticado processo de expansão territorial, navegando as águas mediterrânicas e alcançando as terras a norte e a sul dessa bacia, e para além dela, águas atlânticas, em explorações à procura de matérias-primas para a confecção de produtos a serem revendidos em terras orientais.

Uma primeira pergunta que se colocaram os pesquisadores, tendo em mãos fontes textuais e as primeiras descobertas arqueológicas classificadas como vestígios da presença fenícia, e, antes de tudo, comparando esses dados com as informações sobre a análoga – até que ponto? – expansão grega pelo Mediterrâneo ocidental, foi: trata-se de um processo de colonização?

Mas, antes de abordarmos essa espinhosa questão, quando falamos fenícios, a quem realmente nos referimos?

Podemos dizer que os fenícios são fugidios, não nos deixaram textos literários, históricos, religiosos ou geográficos, onde pudéssemos analisar os discursos existentes, de maneira a tentarmos entender como esses fenícios se viam e que tipo de união experimentavam entre si².

¹ Professora de Arqueologia do Mediterrâneo Antigo no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Pesquisadora do Laboratório de estudos sobre a cidade antiga sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (LABECA - MAE/USP), Brasil. Contato: tanit@usp.br.

² Os Anais de Tiro seriam uma exceção, mas os fragmentos dele que chegaram até nós estão no texto em latim de Flávio Josefo. No entanto, são menções importantes, com informações de dois períodos: séculos X a VIII e século VI a.C. (MOSCATI, 2001, p.8).

Não porque não produziram tais obras, mas porque, infelizmente, estas não sobreviveram às vicissitudes históricas. O que nos restou, em termos textuais, foi uma vasta coleção epigráfica – que possui limites bem precisos – e menções pontuais em fontes textuais gregas e latinas, mesopotâmicas e assírias, no Antigo Testamento e nos hieróglifos egípcios.

Assim, de pronto temos que ter consciência que o próprio nome “fenício”, e “Fenícia”, foi-nos legado por Homero (*Odisseia* XV 415-482). Ele usa *phoinikes* para denominar o povo e *Phoiniké* para a região. Os dois termos ligam-se ao termo *phoinix* (vermelho-púrpura) e, portanto, à “indústria” de tintura de tecidos típica das cidades fenícias. Antes de Homero, temos textos micênicos, da segunda metade do segundo milênio, que também utilizam esses termos, referindo-se quer à cor, quer às pessoas, mas são menções raras (MOSCATI, 1995)³. Por outro lado, uma consciência unitária das cidades fenícias é fraca e não se conhece um nome constante, que se destaque. “Canaã”, em referência à região, e “cananeus”, em referência ao povo, são designações que aparecem na região sírio-palestina do segundo milênio em diante, mas possuem um caráter mais amplo, abrangendo outros povos e regiões além dos fenícios⁴.

Os cananeus habitando a costa sírio-palestina são entendidos como semitas ocidentais. Eles construíram uma civilização urbana onde hoje temos a Palestina, Israel, Líbano e parte da Síria. Os dados arqueológicos mostram que a maior parte das cidades costeiras, em especial as que posteriormente serão conhecidas como fenícias pelos próprios povos da Antiguidade, e, particularmente, Biblos (Gebal em fenício), já eram conhecidas como portos cananeus na Idade do Bronze, sendo que nenhum documento desse período usa o termo “fenícios” (MARKOE, 2000, p.15).

Uma parte desta região posteriormente ficará conhecida como Fenícia⁵. A conformação socioespacial desse povo, já presente na região desde a Idade do Bronze, como vimos acima, é a tão estudada cidade-estado. Desconhecemos a formação de impérios fenícios no Mediterrâneo oriental.

As terras de Canaã cobriam uma extensão maior que a faixa costeira que será conhecida como Fenícia. É preciso ter em mente que a história de Canaã é anterior à *Invasão dos Povos do Mar* no final do segundo milênio a.C., mas interessante o termo “cananeus” também se liga à cor vermelho-púrpura em textos acadianos, de Nuzi (região dos rios Tigre e Eufrates), da metade do segundo milênio, sob o termo *kinakhnu* (vermelho-púrpura) (MOSCATI, 1995).

³ Recentemente, C. R. Krahmalkov (2000) ligou o termo grego *Phoenices* e o posterior romano *Poeni* (nesse caso, referindo-se aos fenícios do ocidente, o que derivará o termo púnico, adotado pela academia) à maneira como os hebreus denominavam os fenícios, *Ponim*.

⁴ Por exemplo, por três vezes, nos tabletes de Alalakh (WISEMAN, 1983, p.5, 8, 12).

⁵ A partir de, mormente, achados arqueológicos, a historiografia moderna estabeleceu como limites geográficos desta área, Tell Suqas, na fronteira meridional síria, e Acre, Tell Keisan e Akhziv, no norte de Israel – região de Monte Carmel (MOSCATI, 2001, p.13; AUBET, 2001, p.69).

Uma questão interessante, no entanto, é que linguisticamente é possível passar do termo Canaã para *kinakhnu*, mas não o contrário. Assim, fica claro que o que veio primeiro foi o nome da região (Canaã), que foi utilizado para designar uma produção (*kinakhnu*) que ali se desenvolvia.

Esse segmento dos cananeus, os fenícios, é identificado enquanto povo a partir de um conjunto de características comuns, uma *língua*, uma *área geográfica* e um *processo histórico cultural*. Nessa perspectiva, podemos falar de Fenícia, enquanto realidade histórica do Oriente Próximo, a partir de 1200 a.C. (simultaneamente à passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro) e em seguida à *Invasão dos Povos do Mar* (cf. ACQUARO, 1987; MOSCATI, 1974, 2001; HARDEN, 1971).

Ao longo de, ao menos, duas levadas de invasões, distantes algumas décadas uma da outra, diversos povos sofrem em maior e menor grau com a invasão de diferentes povos vindos pela terra e pelo mar durante mais de cem anos: a sociedade micênica colapsa; Ugarit (Ras Shamra), importante porto cananeu no sul da Síria, que comerciava com o Egeu, é destruída; o Egito é atacado; as terras hititas e a Mesopotâmia também. Teriam sido esses movimentos migratórios? O que sabemos é que a chamada *Invasão dos Povos do Mar* é uma invasão que se espalha por todo o litoral de Canaã⁶. Cidades como Sídon são destruídas, outras são incendiadas.

Após a saída dos povos do mar, grandes poderes às margens da região sírio-palestina (Egito e Mesopotâmia) ficam, ao menos temporariamente, afastados. Dentro da região vemos a formação dos estados dos hebreus (em luta por território desde o século anterior), dos arameus (vindos da Síria) e dos filisteus. A costa fenícia, separada do interior por duas cadeias montanhosas, do Líbano e do Antilíbano, fica, assim, autônoma.

Arado, Biblos, Berito, Sarepta, Sídon e Tiro são as maiores cidades fenícias conhecidas. Apesar de haver acordos entre elas, e de que, em certos momentos, uma dentre elas prevalece, essas cidades são organizadas autonomamente (ACQUARO, 1987).

Atualmente, a percepção que temos com relação aos fenícios é que eles compõem um grupo semítico habitando a costa sírio-palestina há séculos, em suas cidades-Estado, o qual, diante da reorganização geopolítica que ocorre no Mediterrâneo oriental no século XII a.C., vê-se momentaneamente livre de pressões de poderes externos, como o egípcio e o assírio, e então, livre dessas amarras, esse grupo se reorganiza mantendo uma tradição cultural milenar. Ou seja, diante da novidade dos elementos

⁶ Povos, cujos nomes são mais conhecidos a partir das inscrições hieróglifas de Ramsés III datadas de 1177 a.C., comemorando a vitória sobre estes povos. Entre eles temos os *peleset*, identificados pelos estudiosos como os filisteus. Temos aqui, de fato, a chegada e a instalação de um novo povo na costa sírio-palestina. Os filisteus se fixam em uma faixa que vai de Askelon a Gaza, na Palestina. No entanto, outros nomes que aparecem nas inscrições de Ramsés III, como *shardana*, identificados sem muito embasamento factual com os sardos, são conhecidos por outras inscrições egípcias, anteriores. Aparecem, inclusive no rol de povos servindo aos faraós. Muito provavelmente, levadas anteriores dos *shardanas* migraram para o Egito onde conseguiram se inserir socialmente. Os *shardanas* que Ramsés III enfrenta seriam novos imigrantes ou grupos dos estabelecidos que se revoltaram? (BRYCE, 2009, p.634).

populacionais recém- chegados, os fenícios vão procurar se fechar e manter o substrato cultural semítico já existente (PEDRAZZI, 2012).

Dentre os elementos que caracterizam a nova unidade fenícia a partir de 1200 a.C., podemos citar: a sistematização final e a difusão do alfabeto; a apresentação de novas figuras divinas mas também a manutenção das da fase precedente; o surgimento de novos elementos linguísticos no complexo desenvolvimento das línguas faladas da área; e uma maior incidência do componente egípcio na produção artesanal (MOSCATI, 1995).

Com o passar dos anos, geográfica e politicamente constrictos pelas forças sociais que se reorganizam, como é o caso dos assírios, os fenícios realizam a única saída possível, *para o mar*, e se lançam em um longo processo de colonização/expansão em direção ao Ocidente⁷.

Durante décadas, os estudiosos trabalharam esse processo subdividindo-o em dois momentos: o primeiro, pré-colonial, e o segundo, colonial (MOSCATI, 1983). Assim, pré-colonização foi definida como visitas frequentes a novos territórios, iniciando-se um conjunto de contatos e trocas com as populações nativas, mas, e esta é uma questão importante, com o intuito de posteriormente *realizar* uma implantação colonial. Já colonização se definiu como a formação de assentamentos estáveis, cujos objetivos poderiam ser expansionistas, e, não podemos esquecer, a ideia de colonização pressupõe a ideia de uma metrópole organizadora desse processo (ACQUARO, 1987).

Essa explicação, ou seja, a divisão do processo expansionista fenício em duas fases, surge como uma resposta à discrepância da documentação então existente. As fontes textuais, lembramos, não fenícias, e as fontes arqueológicas não convergiam. Isto é, temos, por um lado, os textos afirmando a longa precedência colonial fenícia em relação à grega, e, por outro, as análises dos dados arqueológicos apontando datações posteriores, mesmo que anteriores às gregas, como veremos adiante.

Segundo o tão citado trecho de Tucídides (VI 2), os fenícios já estariam instalados na Sicília por ocasião da chegada dos primeiros navios de colonos gregos à ilha, na virada dos séculos VII e VI a.C.. Instalados, pois, na região oriental da ilha, eles teriam se afastado diante da presença grega e se acomodado na região ocidental, onde, de fato, abundam vestígios arqueológicos fenícios. Veleio Patérculo (I 2, 3) e Plínio,

⁷ A Fenícia situava-se, convenientemente, na rota de diversas caravanas de trocas, tanto em um eixo norte-sul, quanto leste-oeste (se bem que esse enfrentava a dificuldade das cadeias montanhosas do Líbano e do Antilíbano, mas os rios que ali nascem e correm em direção ao mar representam uma porta de entrada para as terras interioranas). Estando e cobre, os dois elementos essenciais para a produção do bronze, eram as matérias-primas mais procuradas. O estanho vinha da Ásia Central (ao menos até a pressão assíria aumentar) e o cobre de minas locais e, principalmente, de Chipre. Outra fonte de recursos muito explorada pelos fenícios e moeda de troca nas relações destes com os povos da região (hebreus, assírios, egípcios, hititas) era a madeira que abundava nas florestas de cedro da Fenícia. Afora estes, os já mencionados tecidos tingidos de púrpura e artefatos artesanais de vidro, marfim e metais preciosos compunham o rol de produtos que faziam a economia das cidades fenícias girar (HOYOS, 2010, p. 1).

o Velho (*HN XVI 216*) apresentam em seus textos, inclusive, as datas das primeiras fundações fenícias: em torno de 1100 a.C. (Cádiz, na Espanha e Útica, na Tunísia). Já a importante Cartago, ainda segundo as fontes textuais, teria sido fundada ou em 826 a.C. (Flávio José *Contra Apionem I 125-126*) ou em 814 a.C. (Timeu *Fragmento 23*), ou seja, antes da mais antiga fundação grega, Pitecusa, na ilha de Ísquia, Itália, datada entre 770-750 a.C. (cf. DECRET, 1979; FINE, 1983, p.69).

Os dados provindos das escavações arqueológicas em sítios fenícios ocidentais, no entanto, não alcançavam, e ainda hoje não alcançam, datações tão recuadas. Em termos arqueológicos, o máximo que se alcançou até hoje é o século IX a.C.⁸. Mas são datações que, não obstante, determinam a precedência fenícia frente aos gregos igualmente do ponto de vista arqueológico. Entretanto, para os estudos fenícios, a discrepância entre fontes textuais e fontes arqueológicas clamava por uma explicação. E esta foi dada a partir de uma crítica interna aos textos. Assim:

A explicação teórica para essa disparidade apoia-se em dois pontos: em primeiro lugar as fontes textuais referentes à colonização fenícia remetem-se a uma única tradição criada no período helenístico, e em ambientes alexandrinos; essa tradição considera os poemas homéricos como verdades históricas e o retrato dos fenícios como navegadores e comerciantes, que ali é pintado, como contemporâneo aos outros fatos narrados nos poemas. As fontes textuais clássicas também relacionam Hércules como progenitor dos fenícios, assimilando assim as viagens marítimas destes para o extremo ocidente com as viagens míticas do herói grego. (KORMIKIARI, 1993, p.262)

A saída encontrada foi, então, a de pensar a movimentação fenícia a partir dos dois momentos apresentados acima: um pré-colonial e o outro colonial, quando alguns dos assentamentos iniciais teriam se transformado em verdadeiras colônias (MOSCATI, 1988, p. 17). A questão aqui não era apenas a de dar razão às informações das fontes textuais, reinterpretando-as, mas também de dar conta de uma documentação material ampla, de artefatos egeus (micênicos, sírios e fenícios), encontrados por toda a Bacia do Mediterrâneo centro-ocidental, mormente em contextos indígenas, e que levou o arqueólogo Luigi Bernabó Brea a cunhar o termo *Koiné Mediterrânica* nos anos sessenta do século passado (BREA, 1964-1965) para explicar sua dispersão a partir do Mediterrâneo oriental. Isto é, micênicos e fenícios, navegando em separado ou mesmo em conjunto, teriam sido os difusores dessa cultura material que seria então, mais do que oriental, mediterrânica (BONDÌ, 1985; ALMAGRO GORBEA, 1977)⁹.

⁸ As pesquisas mais recentes em Motia, cidade fenícia no noroeste da Sicília, apresentam datas do século VIII a.C. (800-750 a.C.) para o primeiro assentamento (Nigro, 2017, p. 4-11); em Cartago, temos datações de meados do século IX a.C. (DOCTER et al., 2008; com ponderações metodológicas, ver NÚÑEZ, 2008).

⁹ Nas últimas duas décadas, inúmeros novos achados arqueológicos na Península Ibérica romperam a fronteira da presença fenícia assinalada pela historiografia moderna, até então, em Cádiz (antiga Gadir), na Espanha. A arqueóloga Ana Margarida Arruda, da Universidade de Lisboa, tem escavado e publicado extensamente, com sua equipe, sobre sítios em Portugal com indícios de influências orientais (ARRUDA, 2013). Para uma sistematização e reavaliação dos sítios arqueológicos de Portugal ver Pappa (2013), que questiona o uso do termo “orientalizante” para designar

Atualmente, ainda prevalece a tese de um processo contínuo e sequencial. Nesse sentido, o motor desse movimento amplo, de longa duração, é entendido como sendo o palácio, mais precisamente o rei fenício e a classe aristocrática dominante (AUBET, 1993, p.118-132; GRAS; ROUILLARD; TEIXIDOR, 1988, p.105-107)¹⁰. Mesmo para aqueles que entendem, já de há muito, que não há evidências, nem literárias nem materiais, para trabalharmos com a ideia de um projeto uno de expansão (por exemplo, BONDÌ, 1985), o palácio e a nobreza fenícias figuram como os agentes organizadores desses dois movimentos, o pré-colonial e o colonial¹¹.

Recentemente, Jaime Alvar Ezquerria (1997, 2008) defendeu que esqueçamos a ideia de uma pré-colonização e de uma colonização, e que trabalhemos a partir dos conceitos de contato, pois:

Colonización y precolonización son ante todo modos de contacto, cuya diferencia estriba esencialmente no en el criterio de la secuencia temporal, sino en la frecuencia, intensidad y características del contacto entre culturas. Por ello desearía identificar la colonización como una de las formas posibles en una forma más general de relación intercultural que podríamos denominar Modo de Contacto Sistémico Hegemónico (MCSH). Entre sus características estarían el control directo o indirecto de la explotación de los recursos locales, la gestión de la exportación de los excedentes [.....]. La sistematización regularizada de las relaciones y el predominio del elemento exógeno son, pues, las claves que permite identificar el MCSH.

La precolonización [...] al no compartir esas características, ha de ser encuadrada en otra modalidad del contacto [...]. Los intercambios pueden ser esporádicos, lo que no requiere ni regularidad, ni sistematización [.....] el objetivo es lograr un determinado abastecimiento, que no exige el control de la producción [...] por lo que pueden existir enclaves comerciales permanentes sin función administrativa [.....]. La hegemonía no es la modalidad de comportamiento requerido, y por eso he propuesto que lo denomináramos Modo de Contacto no Hegemónico (MCnH). (ALVAR EZQUERRA, 2008, p.20)

O Modo de Contato não Hegemônico (MCnH) poderia ser classificado ainda como *esporádico*, quando os contatos para a aquisição de matéria-prima são feitos por um grupo que se desloca de sua terra natal sem possuir, de fato, relações formais ou administrativas com as populações abastecedoras. Nesse caso, cada situação de contato seria única e fechada, com princípio e fim nela mesma.

horizontes arqueológicos, ou seja, achados artefatuais em sítios indígenas locais, que indicam possíveis contatos entre nativos e gentes do Mediterrâneo oriental, sobre as quais, até pouco, evitava-se afirmar terem sido fenícios. De fato, os trabalhos mais recentes de Arruda e outros já vêm mais firmemente apontando a existência dessas conexões via fenícios, por exemplo, Arruda (2015, 2016a, 2016b) e Ávila (2015).

¹⁰ O rei fenício, denominado *mlk*, não possui as prerrogativas de um rei oriental tradicional, seja a de ser o interlocutor direto dos deuses ou a própria reencarnação na terra de um. Nesse sentido, o rei fenício é um arbitrador, um, o melhor, mas um assim mesmo, entre os seus pares (SZNYCER, 1984, p.292 ss.).

¹¹ Assim depreende S. F. Bondì a partir do relato de Ounamon, o enviado egípcio a Biblos para comprar madeira, que encontra o rei fenício, Shekerbaal, inicialmente não disposto a realizar a troca. Shekerbaal fala, não querendo ser importunado por Ounamon: “Não há vinte navios de transporte, em meu porto, que possuio em sociedade com Smendis? E, no que diz respeito a Sídón, não tenho lá mais 50 navios em sociedade com Barkatel?”, isto é, demandando que o enviado egípcio procure-os; mas após ser agradado com presentes proclama seu poder “se eu der um grito em direção ao Líbano, faço o céu se abrir e os troncos chegarão aqui e o príncipe [...] envia 300 homens e 300 bois...para que os troncos sejam cortados” (BONDÌ, 1995, p.270). Em uma posição análoga, mas mais atual, ver Alvar Ezquerria (2008, p.23-24).

Ou poderia ser classificado como *episódico*, quando teríamos, então, em cada contato um momento, ou episódio, de um processo de contato e troca recorrente.

Com essa proposta, Alvar pretende dissociar por completo os dois momentos, o Hegemônico do não Hegemônico. Assim, pré-colonização não seria uma fase de um longo processo de contato a ser finalizado com a constituição de colônias, mas sim um modo específico e próprio de contato entre culturas (ALVAR EZQUERRA, 2008, p.20).

Trata-se, de fato, de um raciocínio muito pertinente, pois dissociando os dois momentos conseguimos nos concentrar e procurar entender melhor os fenômenos e os processos de cada um, por exemplo, os agentes e o contexto histórico por detrás de cada movimentação. A chave de compreensão, aqui, é o termo *hegemônico*. Por ele, Alvar Ezquerria entende um projeto de dominação, seja de recursos e territórios, seja até de populações. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de enclaves de contato, assentamentos mais permanentes por parte dos estrangeiros, no caso, os fenícios, durante os processos de MCnH, desde que esses não tenham sido estabelecidos para dominar a região e/ou administrar as trocas.

Em um texto de 2004, tratamos do chamado “escambo silencioso”, conforme descrito por Pseudo-Cílix (112M) e apresentado por St. Gsell (1929, p.94-95)¹²:

Os comerciantes são fenícios; quando eles chegam à Ilha de Cernè, eles atracam com seus navios redondos e montam suas tendas [...]. Mas a carga, após ter sido retirada dos navios, é transportada em pequenas embarcações até a costa. Há etíopes no continente. É com esses etíopes que eles fazem o tráfico. Os fenícios vendem suas mercadorias por peles de gazelas, de leões, de leopardos [...]. Os etíopes usam as peles como adorno e no lugar de taças, usam o marfim; e suas mulheres usam anéis de marfim como adorno [...]. Os mercadores fenícios entregam óleo perfumado, pedras do Egito, cerâmica ática [...]. (Tradução nossa)

Temos aqui uma possível descrição do Modo de Contato não Hegemônico, conforme cunhado por Alvar Ezquerria¹³. O arqueólogo não acredita que para tal fosse requerida uma organização em larga escala. Ao contrário, estaríamos diante de contatos irregulares, derivados de um conhecimento prévio (e assim, relembramos a hipótese de navegações conjuntas entre micênicos e fenícios). Ainda seguindo o raciocínio de Alvar, a chave para a mudança na forma de contato (de MCnH para MCSH) estaria na transformação dos bens requeridos de maneira esporádica ou mesmo episódica em necessidades permanentes, demandadas, pois serviriam para a manutenção de uma ordem econômica e social (ALVAR EZQUERRA, 2008, p.21).

¹² Heródoto (IV 96) igualmente narra uma forma de “escambo silencioso” entre cartagineses e nativos (africanos?) (KORMIKIARI, 2004, p.150-151).

¹³ O arqueólogo acredita que essa hipótese fique ainda mais fortalecida pois os dois textos que chegaram até nós tratando do tema (Pseudo-Cílix e Heródoto) mencionam, um, os fenícios, e o outro, os cartagineses. Ou seja, estaríamos diante de uma mesma forma de contato em períodos distantes um do outro, não podendo, portanto serem encaixados em um momento pré-colonial único (ALVAR EZQUERRA, 2008, p.22).

A busca por novas chaves conceituais se faz, de fato, necessária. Elas se enquadram, ademais, nas discussões que têm tomado conta da academia, inicialmente na área da Literatura, mas de há muito também na Antropologia, na História e na Arqueologia, no rastro das Teorias Pós-Coloniais, que se desenvolveram a partir da obra *Orientalism*, de Edward Said, publicada em 1978¹⁴.

As Teorias Pós-Coloniais trabalham, essencialmente, com a análise e a interpretação dos discursos hegemônicos em ambientes de colonização moderna, e propõem novos enfoques, como por exemplo, um olhar renovado sobre o outro, o poder de identidades locais nas relações de poder, os significados e alcances das negociações, mas fugindo de oposições estereotipadas e binárias (estrangeiros *versus* locais; colonos *versus* colonizados) (SUREDA TORRES, 2012, p.57-58; VAN DOMMELEN, 2005, p.116).

Na Arqueologia fenício-púnica, uma voz tem sido predominante quando se trata de aplicar essa nova abordagem aos estudos de caso, a do arqueólogo e atual diretor *do Joukowsky Institute for Archaeology and the Ancient World* da Brown University, EUA, Peter Van Dommelen¹⁵.

Discutindo o estado da questão, Van Dommelen critica a opção pelo termo *colonização* em detrimento de *colonialismo* como solução para o impasse pós-colonial. A adoção do primeiro para definir o fenômeno de expansão territorial e contato na Antiguidade, que indicaria mais uma ação – sendo assim mais “neutro” ? – e menos um processo organizado a partir de um poder central, não resolveria o problema do contágio, por parte dos pesquisadores ocidentais, formados na cultura europeia dos séculos XIX e XX, das noções implícitas ao movimento colonialista moderno, quais sejam: exploração dos recursos naturais para serem enviados à metrópole, exploração e opressão dos nativos e hegemonia cultural (VAN DOMMELEN 1997, p.305-307).

A ideia da existência de uma metrópole que controla, política e economicamente, a(s) colônia(s) é particularmente complicada quando queremos compreender os movimentos de expansão e migração pelo Mediterrâneo na Antiguidade. Mesmo tendo apontado nesse mesmo texto a tendência dos pesquisadores em verem na figura do rei e dos aristocratas fenícios os agentes dos processos de exploração de recursos naturais¹⁶, a pressuposição de que a colônia existiu enquanto fornecedora de riquezas para a metrópole não

¹⁴ Em referência à Arqueologia do Mediterrâneo Antigo ver Dietler, M. The archaeology of colonization and the colonization of archaeology. Theoretical Challenges from an Ancient Mediterranean colonial encounter. IN: G. J. Stein (ed.) *The Archaeology of Colonial Encounters. Comparative Perspectives*. Santa Fe, Oxford: School of American Research Press, James Curry Ltd., 2005, p.33-68.

¹⁵ Já tivemos a oportunidade de explorar com vagar o pensamento de Van Dommelen em outros artigos (KORMIKIARI, 2012, 2015).

¹⁶ Ao discutir o assunto em seu texto, Alvar Ezquerro (2008, p.24-25) chama a atenção para a vital questão de quem seriam os donos dos navios, quem seriam os armadores. Como resposta retorna aos reis e às aristocracias das cidades fenícias.

encontra, sistematicamente, correspondência nas evidências materiais e textuais¹⁷, muito menos a ideia de uma relação entre centro e periferia, na qual o centro é o agente de exploração econômica e a periferia sofre essa ação.

Trazer à luz esses questionamentos não significa, por outro lado, tratar os processos de expansão e de migração da Antiguidade mediterrânica, e, em nosso caso, fenícia mais especificamente, como ações livres de opressões, violência, conquistas e explorações¹⁸. O conceito MCSH (Modo de Contato Sistemático Hegemônico) traz em si a possibilidade de análise dos diferentes contextos sob essas perspectivas. De maneira análoga, o MCnH (Modo de Contato não Hegemônico) não necessariamente pressupõe uma ação pacífica. O próprio autor levanta essas questões em sua proposta (ALVAR EZQUERRA, 2008, p.21).

Temos que ter consciência de estarmos lidando com processos nos quais pessoas de *backgrounds* culturais distintos se encontraram e interagiram. Esses contatos vão desde contatos ligeiros ao compartilhamento de assentamentos de longa duração, harmônicos ou hostis. Um denominador comum seria a copresença física de pessoas em um contexto particular e as dinâmicas socioculturais criadas ao longo dessas interações, como bem salientam P. Van Dommelen e B. Knapp em uma obra, *Material Connections in the Ancient Mediterranean*, que procura explorar, a partir de estudos de caso em regiões insulares, as interações culturais e as identidades múltiplas daí advindas (cf. VAN DOMMELEN; KNAPP 2010, p.4-7).

Acreditamos ser esse o caminho mais promissor para o avanço da nossa compreensão de um processo tão complexo e multifacetado como foram os processos, na verdade, de expansão territorial e cultural, de egeus (micênicos e gregos) e fenícios pela Bacia do Mediterrâneo Antigo da Idade do Ferro ao período arcaico.

¹⁷ Os laços são fortes, culturalmente falando, mas nem as colônias do mundo fenício-púnico, nem as do grego, parecem ter desenvolvido uma relação de dependência política e econômica com suas cidades-mães (com relação ao mundo grego ver Snodgrass, A. M. The nature and standing of the early Western colonies. IN: G. R. Tsetschladze e F. De Angelis (eds.). *The Archaeology of Greek Colonisation. Essays Dedicated to Sir John Boardman*. Oxford University School of Archaeology. Monograph 40. Oxford: Oxbow Books, 1994, p.1-10).

¹⁸ Para um estudo de caso que demonstraria processos não tão pacíficos nas implantações de fenícios na Península Ibérica, ver Wagner, C. G. Fenícios en el Extremo Occidente: conflicto y violencia en el contexto colonial arcaico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, v. 8, n. 2, 2005, p.177-192.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Antigas

- FLÁVIO JOSEFO. *Contre Apion*. L. Blum e T. Reinach (trads.). Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- HOMERO. *Odisséia*. Jaime Bruna (trad.). São Paulo: Cultrix, 1976.
- PLÍNIO. *Historia natural*. Guy Serbat, Antonio Fontán e Ana Maria M. Casas (trads.). Madrid: Gredos, 1995.
- TIMEU. *Über die Natur des Kosmos und der Seele*. M. Baltes (trad.). Leiden: E. J. Brill, 1972.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr (trads.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- VELEIO PATÉRCULO. *Historia romana*. Sánchez Manzano e M. Asunción (trads.). Madrid: Gredos, 2001.

Obras Arqueológicas e Historiográficas

- ACQUARO, E. *Cartagine: un imperio sul Mediterraneo*. Roma: Club del libro Fratelli Melita, 1987.
- ALMAGRO GORBEA, M. *El Bronce Final y el periodo orientalizante en Extremadura*. CSIC: Madrid, 1977.
- ALVAR EZQUERRA, J. El problema de la precolonización en la gestación de la polis. IN: D. Plácido; J. Alvar; J. M. Casillas; C. Fornis (eds.). *Imágenes de la Polis*, Arys 8, Madrid: Ediciones Clásicas. 1997, p.19-33.
- ALVAR EZQUERRA, J. Modos de contacto y medios de comunicación: los orígenes de la expansión fenicia. IN: *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico*. Madrid: CSIC, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, 2008, p.19-26.
- ARRUDA, A. M.; MONGE SOARES, A. M.; FREITAS, V. T. de; OLIVEIRA, C. F. et alii. A cronologia relativa e absoluta da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marin. *SAGUNTUM*, 45, 2013, p.101-13.
- ARRUDA, A. M.; CARDOSO, J. L. A necrópole da Idade do Ferro da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 22, 2015, p.301-14.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; PIMENTA, J.; SOUSA, E. As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal), *CuPAUM*, 42, 2016a, p.79-101.
- ARRUDA, A. M.; CARDOSO, J. L. Faunas domésticas e rituais funerários em Alcácer do Sal (Idade do Ferro). IN: *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades*. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas. Raquel Vilaça; Miguel Serra (eds.). Coimbra: FLUC, CEPBA, Palimpsesto, 2016b, p.193-217.
- AUBET. M. E. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies and Trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- ÁVILA, J. J. (ed.). *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2015.
- BREA, L. B. Leggenda e archeologia nella protostoria siciliana. *Kokalos*, 10-11, 1964-1965, p.1-33.

- BRYCE, T. (org.) *The Routledge Handbook of The Peoples and Places of Ancient Western Asia*. From the Early Bronze Age to the Fall of the Persian Empire. Nova Iorque: Routledge, 2009.
- BONDÌ, S. F. Le commerce, les échanges, l'économie. IN: V. Krings (ed.). *La civilisation phénicienne et punique*. Manuel de recherche. Handbook of Oriental Studies, Zwanzigster Band. Leiden, Nova Iorque, Köln: E. J.Brill Ed., 1995.
- BONDÌ, S. F. Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico. IN: E. Acquaro; L. Godart; F. Mazza; E. Musti (orgs.). *Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico*. Coleção Studi Fenici, 28, Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1988, p.248-252.
- DECRET, F. *Carthage ou l'empire de la mer*. Paris: Éd. du Seuil, 1979.
- DOCTER, R.; CHELBI, F.; MARAOUI TELMINI, B.; NIJBOER, A. J.; VAN DER PLICHT, J.; VAN NEER, W.; MANSEL, K.; GARSALLAH, S. New Radiocarbon dates from Carthage: bridging the gap between History and Archaeology?. IN: C. Sagona (ed.). *Beyond the homeland: markers in Phoenician chronology, Ancient Near Eastern Studies*, Suplemento 28. Leuven, Paris, Dudley: Peeters, 2008, p.380-422.
- FINE, J. V. A. *The Ancient Greeks*. Cambridge: The Bellknap Press of Harvard University Press, 1983.
- GARSALLAH, S. New Radiocarbon dates from Carthage: bridging the gap between History and Archaeology? In: Sagona C. (ed.). *Beyond the homeland: markers in Phoenician chronology*. Collection Ancient Near Eastern Studies, Suplemento 28, Leuven, Paris, Dudley, 2008, p.380-422.
- GRAS, M.; ROUILLARD, P.; TEIXIDOR, J. *L'univers phénicien*. Paris: Arthaud, 1988.
- HARDEN, D. *The Phoenicians*. Londres: Harmondsworth, 1971.
- HOYOS, D. *The Carthaginians*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2010.
- KRAHMALKOV, C. R. Phoenician–Punic Dictionary. *Studia Phoenicia*, 16, Leuven: Peeters, 2000.
- KORMIKIARI, M. C. N. Expansão marítima e influência cultural fenícia no Mediterrâneo centro ocidental. *Anais de VII Reunião Anual da SBEC* (Sociedade Brasileira de estudos clássicos). Araraquara, 1993, p.261-7.
- KORMIKARI, M. C. N. O comércio, as trocas e o sistema do dom entre os fenícios. IN: A. G. Carvalho (org.). *Interação social, reciprocidade e profetismo no mundo antigo*. Salvador: Edições UESB, 2004, p.127-54.
- KORMIKIARI, M. C. N. Movimentação fenício-púnica no Mediterrâneo ocidental: novas perspectivas a partir dos estudos em Arqueologia da Paisagem. *Mare Nostrum*, 3, 2012, p.1-19.
- KORMIKIARI, M. C. N. Expansão fenício-púnica no Mediterrâneo central e ocidental: realidades próximas e distintas. *Phoînix*, 21 (1), 2015, p.86-101.
- MARKOE, G. E. *Phoenicians*. Los Angeles, Berkeley: University of California Press, 2000.
- MOSCATI, S. Problematica della civiltà fenicia. *Studi Semitici*, 46. Roma, 1974.
- MOSCATI, S. Precolonizzazione greca e precolonizzazione fenicia. *Revista di Studi Fenici*, XI, 1983, p. 1-7.

- MOSCATI, S. Introduction. IN: V. Krings (ed.). *La civilisation phénicienne et punique*. Manuel de recherche. Handbook of Oriental Studies. Leiden: Brill, 1995, p.1-15.
- MOSCATI, S. (org.). *The Phoenicians*. Londres, Nova Iorque: I. B. Tauris, 2001.
- NIGRO, L. e SPAGNOLI, F. Landing on Motya. The earliest Phoenician settlement of the 8th century BC and the creation of a West Phoenician cultural identity in the excavations of Sapienza University of Rome - 2012 - 2016. *Quaderni de archeologia fenicio-punica/CM04*. Roma: Università di Roma "La Sapienza", Missione archeologica a Mozia, 2017.
- NÚÑEZ, F. J. The lowest levels at Bir Massouda and the foundation of Carthage. A Levantine perspective. In: Roald F. Docter (org.) *Carthage Studies*, 8, Department of Archaeology, Ghent: Ghent University, 2014, p.7-46.
- PAPPA, E. *Early Iron Age Exchange in the West: Phoenicians in the Mediterranean and in the Atlantic*. Leuven: Peeters, 2013.
- WISEMAN, D. J. *The Alalakh Tablets*. Norwalk: AMS Press, 1983.
- PEDRAZZI, T. Fingere l'identità fenicia: confini e cultura materiale in Oriente. *Revista di Studi Fenici*, XL, 2, 2012, p.137-57.
- SZNYCER, M. Le problème de la royauté dans le monde punique. *Bulletin Archéologique du Comité des Travaux Historiques*, Nova Série, 17, fascículo B, 1984, p.291-301.
- VAN DOMMELEN, P. Colonial constructs: colonialism and archaeology in the Mediterranean. *World Archaeology*, 28 (3), 1997, p.305-323.
- VAN DOMMELEN, P. Colonial interactions and hybrid practices. Phoenician and Carthaginian settlement in the Ancient Mediterranean. IN: G. J. Stein (ed.). *The Archaeology of Colonial Encounters. Comparative Perspectives*. Santa Fe, Oxford: School of American Research Press, James Curry Ltd., 2005, p.109-141.
- VAN DOMMELEN, P.; BELLARD, C. G. *Rural Landscapes of the Punic World*. Monographs in Mediterranean Archaeology, 11, Londres e Oakville: Equinox, 2008.
- VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A. B. (eds.). *Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality and Identity*. Abingdon e Nova Iorque: Routledge, 2010.

Recebido em: 23/06/2017

Submitted in: 23/06/2017

Aprovado em: 07/08/2017

Aproved in: 07/08/2017

Publicado em: 24/06/2018

Published in: 24/06/2018
